Uma descrição das violências sofridas por alunos em sala de aula em escolas paulistas

A description of violence suffered by students in the classroom in são paulo schools

DOI: 10.54019/sesv3n1-026

Recebimento dos originais: 15/01/2022

Aceitação para publicação: 10/02/2022

Marilda da Silva

Pós-doutorado/livre docente

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) -

Departamento de Educação/Campus de Araraquara/Programa de Pós

Graduação do Instituto de Biociências de Rio Claro/UNESP

Endereço: Avenida Geraldo Hilário da Silva 248. Condomínio Jardim dos

Flamboyants. 14.805-290. Araraquara-SP

E-mail: marilda.silva@unesp.br

Deisiane Narry Souza Carvalho

mestrado

Trainee Educacional - SESI - Vila Leopoldina - São Paulo – SP

Endereço: Rua Rio Grande, 1411 - Jardim Brasil - Vila Xavier . 14811-084

Araraquara/SP

E-mail: deisi.ns@hotmail.com

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa do campo educacional brasileiro sobre violência em espaço escolar. Especificamente acerca da categoria 'violência da escola' quando cometida por agentes escolares diretos. Objetivo: elucidar as justificações que alunos da Escola Básica Pública Paulista apresentam para as origens das violências que sofrem na sala de aula, cometidas por professores nas duas décadas do século XXI. Tais justificações poderão ser compreendidas no âmbito dos fatos ocorridos e narrados pelos próprios sujeitos. Pesquisa qualitativa/exploratória. Estudo de caso. Sujeitos: 70 alunos de uma Escola Estadual do Estado de São Paulo. Coleta: entrevista semiestruturada. Organização e análise dos dados: Análise de Conteúdo com categoria operacional a priori: violência da escola. Resultados: Dos 70 sujeitos 50% sofreram algum tipo de violência no espaço escolar. 22,8% sofreram violência cometida por professores na sala de aula dos tipos: física, verbal, verbal/física. Tais tipos foram estruturados pela violência simbólica engendrada por diferentes preconceitos. As violências ocorrem durante o processo-ensino aprendizagem.

Palavras-chave: convivência na escola, interação professor-aluno, violência da escola.

ABSTRACT

This is a survey of the Brazilian educational field on violence in schools. Specifically about the category 'school violence' when committed by direct school agents. Goal: to clear out the reasons presented by the students of Public Basic Schools in São Paulo towards the violence they suffer in the classroom, committed by teachers in the two decades of the 21st century. Qualitative/exploratory research. Case study. Subjects: 70 students of a state school in the state of São Paulo. Collection: semi-structured interview. Data organization and analysis: Content analysis by the operational category a priori: school violence. Results: 50% out of 70 subjects suffered some type of violence at school. 22.8% suffered physical, verbal, verbal / physical violence by teachers in the classroom. These types are structured by symbolic violence created by different kinds of prejudice. Such violence occurs during the process of teaching and learning.

Keywords: coexistence at school, teacher-student interaction, school violence.

1 INTRODUÇÃO

Os pesquisadores que investigam o tema violência deparam-se de partida com a necessidade de precisar uma definição sobre esse fenômeno. Uma das razões diz respeito ao fato de que há conflitos sociais que apesar de sua tensão não podem ser caracterizados como atos/ações de comportamento violento. A propósito, Simmel (1986, 2013, 2011) afirma que o conflito tem, inclusive, um lado positivo. Segundo ele (2011) o conflito é “uma das interações mais vivas, que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo sozinho, - deve certamente ser considerado como socialização” (p.568). Portanto, para Simmel o conflito é necessário e faz parte da socialização. Contudo, quando o conflito é inegociável e doloroso para um ou mais membros, alcançando os limites das condições de sobrevivência, materiais e simbólicas, ele se torna violência (CARVALHO, 2007). Nesse sentido, nem todo conflito é manifestado como violência, mas muitas formas de violência se originam no conflito. As violências - cometidas em qualquer espaço ou ambiente - são inaceitáveis porque são danosas à vítima e não dão a ela nenhum benefício no âmbito de qualquer socialização sadia e ou saudável. Segundo Chauí (2003):

[...] violência vem do latim vis, força, e, de acordo com os dicionários, significa: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror (p. 41-42).

Além disso, é importante que o pesquisador identifique o tipo de violência que está investigando, uma vez que cada tipo pode exigir expedientes teóricometodológicos específicos. Um procedimento que acreditamos ser profícuo é trabalhar com os seguintes tipos: violência física, violência verbal e violência física e verbal simultaneamente. Mas, há um tipo de violência que pode perpassar todos esses e, ainda, ser o operador mais eficaz do processo de naturalização da violência. Trata-se da violência simbólica. Segundo Bourdieu:

[...] é uma “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 7-8).

Ainda para esse autor, sobretudo quando se trata de dominação simbólica,

“[...] a resistência é muito mais difícil, pois é algo que se absorve como o ar, algo pelo qual o sujeito não se sente pressionado; está em toda parte e em lugar nenhum, e é muito difícil escapar dela” (BOURDIEU e EAGLETON, 2007, p. 270).

Acreditamos que a aparência fugidia da violência simbólica constitui o vetor mais eficaz na produção do processo de naturalização da violência de modo geral, processo esse que é corroborado pelo lugar dos agentes nas hierarquias sociais. A outra questão que está em jogo na investigação sobre violência são as questões raciais e de gênero. Sobre as questões raciais, por exemplo, Gomes e Laborne (2018) afirmam que “as desigualdades constatadas pelo Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência evidenciam a perversa articulação entre vulnerabilidade social,

desigualdade regional, racismo, gênero e raça. Negros e negras sofrem enormes disparidades em diversos setores da vida social. (p.7, 2018). Ainda segundo essas autoras:

“para superar o racismo e a desigualdade racial, as políticas sociais deverão, necessariamente, considerar os dados de raça/cor. Ao serem formuladas deverão ser aplicadas com a intencionalidade de corrigir desigualdades raciais que tornam ainda mais precárias a situação de pobreza, vulnerabilidade, fome e violência da população negra brasileira” (p.6, 2018).

Sobre gênero, Louro (1998)¹ afirma que há uma hierarquia entre os gêneros, fundamentada em preceitos biológicos entre meninas e meninos. Nesse sentido, as meninas são entendidas como frágeis, meigas e submissas, já os meninos são fortes e agressivos. Nesse sentido, Santos; Boeing (2008) afirmam que “[...] as pessoas que não se encaixam nesses padrões são logo identificadas como diferentes e estranhas e, não raras vezes, tornam-se vítimas de preconceito, discriminações e violências simbólicas, institucionais e sociais” (p.11.596). Ainda segundo Louro, o ambiente escolar reproduz esses preconceitos e acaba colaborando com práticas violentas que são tributárias do divisionismo da escola que herdamos: “[...] que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna que começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas” (p. 57).

Também sobre o fato de que as questões raciais e de gênero produzem nichos de violência, Gomes e Laborne (2018) destacam:

O Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência 2017 (BRASIL, 2017), ao trazer o recorte de gênero pela primeira vez, revela que as jovens negras com idade entre 15 e 29 anos têm 2,19 vezes mais chances de serem assassinadas no Brasil do que as brancas na mesma faixa etária. No mesmo sentido, o Atlas da Violência (2017) mostrou que entre 2005 e 2015 a taxa de homicídios de mulheres brancas teve redução de 7,4%, enquanto a taxa de mortalidade de mulheres negras aumentou 22% (p.6, 2018).

¹ Estamos usando uma referência de 1998 levando em conta a legitimidade da autora ao iniciar estudos tão relevantes para a sociedade brasileira.

Em vista desta complexidade, acreditamos que as pesquisas que tratam do tema violência não podem ser, solitariamente, suficientes para explicar o fenômeno, tendo em conta a gama de exigências que ele comporta. As pesquisas individualmente constituem esforços explicativos de faces da composição do fenômeno em questão. É nesta conjuntura que nos colocamos. Esta pesquisa trata do tema violência em espaço escolar e está circunscrita em uma categoria: violência da escola. A propósito dessa categoria, Charlot (2002, 1997), afirma que a violência em espaço escolar pode ser mais bem compreendida por meio de três categorias, embora relacionalmente compreendidas: a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola. A violência *na* escola é a que ocorre dentro do espaço escolar, mas é constituída fora dele; a violência *à* escola e a violência *da* escola, são constituídas na própria instituição. Contudo, a violência à escola tem a ver com ações dos alunos contra o patrimônio ou contra os profissionais da escola. Já a violência *da* escola é aquela cometida pela instituição de ensino, seja por meio da violência física, verbal ou simbólica e está relacionada à maneira como a instituição e seus agentes diretos tratam os alunos. Portanto, esta pesquisa circunscreve-se na categoria violência da escola quando se trata de violência de professor contra alunos. Nosso objetivo é evidenciar as justificações que alunos que frequentaram a Escola Básica Pública Paulista apresentam para as violências que sofrem ou presenciam dentro da sala de aula cometida por professores contra eles nas duas décadas do século XXI.

2 METODOLOGIA

Vimos ouvindo alunos desde 2003² - por meio de diferentes procedimentos técnicos de recolha e análise de dados - acerca de experiências com violências

² Trata-se de Projetos de Pesquisa financiados pela Fundação de Amparo a Pesquisa do estado de São Paulo (FAPESP) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), de Iniciação Científica, de Mestrado e Doutorado desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Educação Escolarizada e Violência em espaço escolar. Portanto, faremos referências aos estudos que o respectivo grupo vem realizando ao longo dos anos, uma vez que eles investigaram fenômenos semelhantes. Obviamente, o Grupo em todas as suas pesquisas fez e faz uso de diferentes autores que também investem em questões sobre a violência em espaço escolar.

que tiveram na Escola Básica Pública Paulista. Para esta pesquisa, ouvimos em 2012 70 alunos de uma Escola Estadual do Estado de São Paulo situada em um bairro de classe média baixa na cidade Araraquara que oferece o Ensino Fundamental Ciclo II e o Ensino Médio. Vale dizer que a escola campo não era considerada uma escola do grupo de risco, isto é, nela não ocorria à época violência que lhe lograsse essa posição. Nossa opção por uma instituição que não estava no grupo de risco teve uma intenção teóricametodológica: já que os alunos não vivenciavam violência na instituição que frequentavam, quem sabe, suas representações sobre o fenômeno poderiam apontar novas interpretações. Fizemos isso também como um procedimento de caráter exploratório. Trata-se de pesquisa majoritariamente qualitativa de caráter exploratório no âmbito de um estudo de caso. Operacionalizou-se a coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada e o eixo orientador da mesma dizia respeito à percepção sobre as razões/motivos que tais sujeitos tinham sobre possíveis violências que foram/eram cometidas dentro da sala de aula durante a história de escolarização de cada um, vivenciada até então. Os sujeitos pertenciam a um grupo de alunos da referida escola que a época frequentavam os 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental e os 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Portanto, alunos em diferentes estágios da formação básica e também em faixas etárias distintas. A organização e análise dos dados foram apenas inspiradas na técnica Análise de Conteúdo, segundo Bardin (1977). Isto é: das entrevistas, durante a leitura flutuante, se localizou as unidades de sentido cuja mensagem do respectivo texto apontava implícita e explicitamente as razões e os motivos da ocorrência de violência na sala de aula por professores contra alunos, segundo a percepção dos alunos entrevistados. Levando em conta a potência dos dados para evidenciar parte da produção da violência da escola optamos por usar unidades de sentido, quando explícitas, de modo literal e não operacionalizamos a categorização mais usual no âmbito da técnica, porque optamos sobejamente pela descrição dos dados dentro do estudo de caso. Fizemos essa opção por entender que a forma escolhida pode mostrar mais as características, principalmente, da violência simbólica, tendo em conta o processo da naturalização da violência de modo

geral. Nesse sentido, usamos fragmentos que evidenciaram, na quantidade e conteúdo, as justificações apresentadas pelos sujeitos sobre os episódios de violência relatados por eles. Outrossim, levando em conta a diversidade étnica do grupo dos entrevistados e o tratamento diferente quase sempre destinado a alunos brancos e a alunos negros por professores e demais agentes escolares (ABRAMOVAY; RUA, 2002; ABRAMOVAY, 2005; SILVA, M.; SCARLATTO, 2009; SILVA, M.; CARLINDO, 2011; SILVA, A., 2015; SILVA, A.; SILVA, M., 2018; SILVA A.; SILVA, M.; DINIZ, 2015; SILVA, M., 2013; TANNURI, 2017, CARVALHO, 2019) o referido grupo, 70 alunos, foi subdividido em quatro subgrupos: a) Grupo de meninas que se consideraram afrodescendentes, sendo 8 alunas (11,4%), b) Grupo de meninas brancas, 33 alunas, (47%), c) Grupo de meninos que se consideraram afrodescendentes, também 8 alunos (11,4%) e d) Grupo de meninos brancos, que totalizavam 21 alunos (30%). Dos 70 alunos entrevistados, 22,8%, afirmaram que sofreram violência por professores na sala de aula. Abaixo apresentamos os subgrupos com os devidos percentuais.

Razões/motivos das violências cometidas por professores contra alunos na sala de aula segundo os grupos de alunos entrevistados

a) Alunas afrodescendentes

Esse subgrupo foi composto por oito alunas, que se autodeclararam afrodescendentes quando das entrevistas. Quatro delas responderam já ter sofrido violência cometida por algum professor na sala de aula durante a escolarização, 50%. O primeiro relato diz respeito à violência cometida por uma professora contra uma aluna de 12 anos durante a aquisição de um saber curricular:

(AA)³: Comigo já aconteceu isso já. Foi na 5ª série, era professora substituta. Porque eu não sabia fazer uma questão aí eu levantei, e não era pra levantar, aí quando eu cheguei perto dela, ela pego na minha orelha e puxô. Mas ela não gritou comigo.

³ AA= Alunas que se autodeclararam afrodescendentes.

Pode-se dizer que a professora puxou a orelha da aluna pelo fato de ela ter se levantado sem a permissão da mesma. E que se a aluna não tivesse a desobedecido a violência não teria ocorrido. Independentemente de tudo isso, não podemos deixar de levar em conta duas coisas: a) a aluna se levantou para pedir ajuda para aprender um item curricular que não estava entendendo e b) a professora, no limite, foi de encontro com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que nos dois casos protege tanto no que diz respeito ao direito de aprender como no que se refere à proteção de qualquer tipo de agressão, neste caso, física. Sobre o descumprimento do ECA por parte de professores e da escola já detalhamos em diferentes estudos realizados por nosso grupo de pesquisa (SILVA, M.; SILVA, A.; DINIZ, 2015).

Outrossim, esse tipo de comportamento de professores em relação à disposição do aluno de aprender algo que está sendo ensinado em sala de aula e ele não está entendendo satisfatoriamente vem ocorrendo com alunos desde a mais tenra idade e em início da escolarização, como também já mostramos em outra pesquisa com outros alunos (SILVA, M.; SILVA, A., 2018a). É devido a essa recorrência que estamos aqui levantando a hipótese de que esse tipo de relação entre alunos e professores pode estar indicando quais são os elementos estáveis que constituem o padrão da socialização produzida na sala de aula cuja participação de professores é feita por meio de expedientes violentos. O que vai ao encontro dos dados apresentados no livro, já mencionado aqui, intitulado *Cotidiano das escolas: entre violências* (ABRAMOVAY, 2005) que mostra episódios de violência por parte de professores contra alunos ocorridos em diferentes estados brasileiros, reiteradamente.

No próximo relato encontra-se mais uma indicação dos elementos em questão:

(AA): [...] porque eu não gosto da professora, ela é muito chata, qualquer coisinha ela já coloca a culpa na gente, ela não deixa a gente ir no banheiro, é a C. Ela odeia minha sala, ela leva todas as salas pra ir no banheiro, menos a minha sala, eu já discuti com ela por causa disso, porque ela faz diferença, só porque a gente é mais velho.*

A aluna percebe em que reside o ponto do problema entre ela e a professora e com a turma de sua sala: "porque ela faz diferença só porque a gente é mais velho". Embora, ao certo, não conheçamos as razões que levaram a aluna a chegar à respectiva conclusão, o incomodo manifestado por ela sugere que há algo no comportamento da professora da ordem de preferência por turmas mais novas que favorece tal percepção da aluna em questão. Vale dizer que a aluna não é repetente e tampouco está acima da idade em relação ao ano que cursa. O que nos pareceu é que essa preferência que a aluna diz ter a professora gera um sentimento de preterimento, o que para a aluna, pode ser, soa como um preconceito. Ou seja: uma violência.

Outra entrevistada afirma que a professora cometeu violência contra ela quando "tirou sarro da risada dela". A aluna se sentiu ofendida porque se sentiu desrespeitada, gerando discussão entre as duas. Neste caso, o foco não se direciona para a aprendizagem ele se volta para características físico/pessoais. Não podemos deixar de lembrar aos leitores de que tais relatos são de meninas afrodescendentes. Nesse sentido, em outra entrevista a aluna relata que foi acusada por um professor de um ato que segundo ela não praticou. Uma colega dessa aluna riscou o carro do professor e ele achou que havia sido ela. Inclusive, levou-a até a delegacia de polícia, mesmo que ela por diferentes argumentos dissesse que não havido feito tal coisa. É pena que não saberemos se a aluna que de fato riscou o carro do professor é afrodescendente ou não, pois a que foi acusada é. E a pergunta que se coloca insistentemente é a seguinte: será que se a aluna acusada fosse branca o professor teria acreditado em seus argumentos de que não teria sido ela a autora do delito? O preconceito étnico contra alunos está nas escolas por meio das mais diferentes faces dentro do escopo das violências simbólicas e explícitas, é para isso que a pergunta se volta, o que detalham a constituição do fenômeno autores como: Menezes (2002), Itani (1998) e Coelho, W.; Coelho, M. (2015).

Além dessas quatro alunas que sofreram algum tipo de violência na sala de aula que compõem o grupo das oito alunas afrodescendentes seis alunas desse subgrupo testemunharam violência cometida por professores contra

colegas em tal espaço. E as razões/motivos dizem respeito à: “o aluno estava copiando a matéria de outro aluno”, “a professora achou que o aluno estava colando”. E, ainda, uma aluna de 16 anos relatou que soube que uma professora bateu em outra aluna:

(AA): [...] aí a professora que bateu na aluna aqui ó, que me contaram, acho que a menina tava conversando com a professora e não sei o que aconteceu, e a menina tinha que sair, a professora foi lá e bateu na orelha dela. Tipo na sala do ano passado tinha uma aluna com leucemia ela tava em tratamento, aí veio uma substituta a mesma que bateu na aluna, aí ela fechou a porta e a gente falou dona não pode fechar a porta, aí ela disse que ela que mandava, e fechô, aí a gente disse que tinha aluna doente e não podia, aí ela leu o bilhetinho e abriu a porta de novo. Mas ela chegou a falar: eu não vou abrir, porque vocês não mandam na sala. Mas ela saiu da escola. E ela vinha com roupas muito curtas, pra chamar a atenção dos meninos.

Não há nada no relato acima que possa ser relevado. Como a escola pode contribuir com a Educação em sentido amplo se há professores reiteradamente servindo de espelho para se cometer incivilidades de toda ordem? Essa pergunta deve ser respondida por todos nós que atuamos no campo educacional e, sobretudo, pelas políticas de formação de professores aplicadas em nosso país quer seja na formação inicial, nas licenciaturas, quer seja na formação continuada.

Outras duas alunas disseram que presenciaram violência contra alunos. Segundo elas uma professora se irritou com a bagunça e com o mau comportamento dos alunos e agiu de forma violenta, no entanto, não disseram a natureza dessa violência. Mas, afirmaram que a razão da professora cometer violência foi a “falta de paciência com o aluno”. Nesse sentido, uma outra aluna afirmou que há violência na sala de aula por parte do professor “sem motivo”. Ainda segundo ela, os professores muitas vezes gritam ou agem de forma violenta “sem motivo”. Observa-se que há necessidade premente de ouvir exaustivamente os dois agentes que produzem a socialização na sala de aula da Escola Básica Pública, pois, pelo visto, os conflitos – que geram violência - que lá ocorrem também se devem ao fato de que cada um dos agentes tem percepções diferentes

sobre os comportamentos de uns e de outros. Por que isso vem ocorrendo? Ter informações sistematizadas sobre essa questão poderá ser um bom caminho para se entender um pouco mais da complexidade da violência em espaço escolar.

Ao fim e ao cabo as oito meninas que compõem o grupo das "meninas afrodescendentes" em questão relataram ora ter sofrido, ora ter presenciado e ora ter sofrido e presenciado violências por parte de professores contra alunos em sala de aula, denotando quão os elementos que compõem o comportamento relacional produzido e reproduzido na sala de aula e na escola entre alunos e professores são precários de civilidade, implicando diretamente o desenvolvimento de políticas públicas de formação para a melhoria dessa relação entre esses dois agentes.

A) Alunas brancas

O subgrupo de alunas brancas foi composto por 33 alunas. Seis (18% do subgrupo) relataram já ter sofrido violência por professores e todas explicitaram os motivos/razões e apenas um não está relacionado ao processo de aprendizagem. No excerto a seguir pode-se ver claramente que a aluna tem disposição para aprender, mas o professor não responde positivamente a ela:

(AB)⁴: Ah ele tava explicando a matéria, aí eu perguntei uma outra parte da matéria, e ela não sabia explicar aí ela mandou eu calar a boca e ficar quieta.

Entrevistadora: E o que você fez?

(AB): Eu fiz o que ela falou.

Entrevistadora: E como você se sentiu quando isso aconteceu?

(AB): Me senti mal né, até porque foi na frente da sala inteira, não custava nada ela admitir que não sabia, dar uma pesquisada e depois explicar.

Esse último relato aponta que a aluna, inclusive, sugere uma solução ao suposto problema que foi criado com a pergunta que fez. Isso nos induz a pensar que estudantes podem sim desejar que o comportamento relacional entre eles e seus professores seja profissional e sem tensões violentas desnecessárias. Há muito

⁴ AB = Alunas Brancas.

tempo estudos mostram que professores não explicam a matéria quando o aluno solicita, seja ele criança ou adolescente (SILVA, 2002) e, pelo visto, de lá para cá as coisas pioraram muito, pois os dados aqui apresentados foram coletados em 2012 e em outra pesquisa que realizamos recentemente mostramos que o motivo/razão que dispara o maior número de comportamentos violentos por professores contra alunos é quando um aluno não entendeu um conteúdo curricular qualquer e pergunta ao professor sobre ele, cuja disposição em jogo é a de apreendê-lo (SILVA, M.; SILVA, A., 2018a). Tais constatações levam-nos a crer que a explicação do conteúdo é um incomodo ao professor.

Outra aluna do subgrupo "alunas brancas" também relata um episódio ocorrido no âmbito do processo ensino-aprendizagem:

(AB): Eu levantei da prova e fui entregar a prova pra ele e a A perguntou a resposta da três e eu dei a resposta, e ele me deu um tapa na cabeça e meu óculos caiu. Ai esse dia eu fiquei chateada, mas ele já se aposentou o N*, eu lembro que foi constrangedor.*

Observa-se que a ação do professor ocorreu devido a fatos próprios da sala de aula: quê professor não vivenciou ou vivência coisa semelhante? O desconhecimento do ECA por parte dos professores e, ainda, a crença de muitos deles de que tal instrumento prejudica a relação professor-aluno (SILVA, M.; SILVA, A.; DINIZ, 2015) tem contribuído significativamente com essa forma do comportamento relacional que vem sendo produzido na Escola Básica Pública em nosso país. Mais um episódio que a própria aluna qualifica como desrespeito, embora, não consiga detalhar o fato, ela mantém claro o teor do comportamento do professor:

(AB): O professor tipo não respeitava os aluno, e eu não me lembro bem, mas ele meio que não respeitava, era meio grosso, e também já chegou a me ofender particularmente, não vou citar nomes. Foi esse ano.

O próximo relato mostra que o comportamento em questão - entre professores e alunos - que vem sendo desenhado aqui por meio de relatos de estudantes é fomentado também por problemas estruturais de nosso sistema de ensino público, falta de professores e substituições dos mesmos:

(AB): [...] Ah, tem uma professora que eu discuti também, foi porque ela falou pra mim explicar o exercício da lousa, mas ela veio dar aula duas vezes no bimestre, aí eu falei que não sabia fazer, que não ia fazer, e ela me deu ponto negativo.

O relato a seguir expande o grau da problemática a que estamos nos referindo:

(AB): Teve uma vez que essa foi comigo, essa eu posso contar, foi esse ano mesmo, alguém da minha sala roubou meu celular, e a professora disse que era bem feito, que eu tinha que me “fuder” mesmo, que eu não tinha educação, e deu parabéns para quem me roubou.

Entrevistadora: E como você se sentiu?

(AB): Ah, eu comecei a chorar né? Deu parabéns para o ladrão e pra mim ninguém fez nada sabe? E ela fez isso porque eu tava chorando invés de copiar a matéria.

Entrevistadora: Você considera isso uma forma de violência?

(AB): ah não sei, eu chorei bastante, fiquei bem magoada.

Além de expandir a problemática também coloca a questão do processo de naturalização da violência, ou seja, neste caso, as representações da aluna em questão sobre comportamentos relacionais respeitosos e civilizados parece não “reconhecer” a violência que foi cometida contra ela como violência. Pode-se dizer que o esteio dessa naturalização é a violência simbólica, cuja natureza favorece a naturalização de comportamentos inaceitáveis do ponto de vista da civilidade (BOURDIEU, 1998). Nesse sentido, a aluna chora, afirma que ficou magoada e titubeia para reconhecer que o tratamento da professora para com ela é um tipo de violência. São situações como essa que dá o tom da complexidade que há na constituição do fenômeno violência, na escola e na sociedade (SILVA, M.; SILVA, A.; 2018b). Sem sombras de dúvidas essa situação é um grande obstáculo à erradicação desse fenômeno.

Quando à outra aluna do subgrupo "alunas brancas" perguntou-se se ela havia sofrido violência cometida por professores ela mencionou o seguinte episódio:

(AB): *Humilhação. Teve uma que foi a substituta, ah teve um dia que eu tava escrevendo, ai eu errei a pergunta ai ela falo que eu era uma galinha, ai ela humilhou meus pais, humilho minhas amigas, humilhava todo mundo.*

A propósito da linguagem dessa, e de muitas outras professoras, empregada para se dirigir a meninas na sala de aula mostra detalhadamente a pesquisa de Abramovay (2005) que viemos usando nesta descrição em diferentes momentos. É a mesma linguagem usada pelas alunas e pelos alunos contra as meninas quando surge algum conflito entre tais pares. Não havendo, portanto, nenhuma diferença entre a linguagem de professoras/es e de estudantes.

Além da violência mencionada sofrida pelas meninas brancas 22 alunas do subgrupo composto por 33 disseram já terem presenciado algum episódio de violência por parte de professor contra alunos. Nove alunas disseram que “os professores não tem paciência”. A falta de paciência com os alunos foi o motivo/razão mais citado. E tais alunas consideraram como falta de paciência, por exemplo, o seguinte fato: “Ah o aluno faltou com respeito com a professora, ela agarrou no braço dele e colocou ele pra fora”. Veja que transparece que “falta de respeito” não é tão grave quando se trata do aluno para com a professora, mas o é, como já mostraram diferentes relatos registrados anteriormente, quando se trata do desrespeito de professores contra alunos. Essa percepção sobre a violência também faz parte do largo escopo de comportamentos individuais e coletivos que evidenciam a complexidade da naturalização da violência em nosso país, sobretudo, quando se trata de jovens estudantes (LOURO, 1997; ABRAMOVAY, 2002; FREIRE; SABARENSE; BRANCO, 2009; TORO; NEVES; REZENDE, 2010; CARINHANHA; PENNA, 2012).

Os outros motivos/razões para a ocorrência da violência testemunhada pelos devidos entrevistados dizem respeito à “coisa de momento” que, segundo eles, trata-se de quando o professor ou a professora “perde o controle” porque um aluno apresentou dificuldade de aprendizagem com algum conteúdo curricular. Isso irrita os professores e os fazem gritar. E o grito com os alunos é percebido pelo referido grupo como uma violência. Note-se que no subgrupo de “meninas brancas”, 33 entrevistadas, o maior número testemunhou violência e não sofreu,

enquanto no subgrupo de meninas afrodescendentes, 8 sujeitos, 50% sofreu violência e a grande maioria testemunhou.

B) Alunos afrodescendente

Em um total de oito alunos que compõe esse subgrupo três (38%) responderam já terem sofrido violência por professores. Um deles relatou que “o aluno não estava entendendo direito a matéria” e devido a isso a professora se irritou e cometeu a violência. Outro aluno disse que foi por causa de “ofensas a familiares”. A professora ofendeu a mãe dele por causa da bagunça da qual ele também participava:

(AoA)⁵: Não nessa escola. Em outra escola também não. Bom, a professora xingou minha mãe uma vez, ela falo que ela num era igual qualquer uma, e ela falo que eu não tava falando com a minha mãe e me mandou pra fora.

Entrevistadora: Você acha que isso foi um tipo de violência?

(AoA): Eu acho que isso é um tipo de violencia, se ela não tivesse xingado minha mãe eu também não teria xingado a dela, eu acho que é assim, violência gera violência.

Observe que o aluno coloca o ocorrido em uma situação de causa e efeito. E, pelo relato, a professora contribuiu para que o aluno se voltasse contra ela. Também neste caso a dinâmica da socialização entre alunos e professores na sala de aula mostra-se ser constituída pelas multiplas faces dos desrespeitos. O relato (aluno de 13 anos) seguinte também dá vazão ao curso relacional que se vem evidenciando aqui:

(AoA): As vezes ela grita com a gente, fala cala a boca, fala que a gente é burro.

Entrevistadora: Essa mesma professora?

(AoA): É, a de Ciências.

Entrevistadora: E você considera isso uma forma de violência?

(AoA): Eu considero.

Entrevistadora: Os alunos ficam ofendidos?

(AoA): Ficam...

⁵ AoA = Alunos que se autodeclararam Afrodescendentes.

Entrevistadora: E ela faz isso até hoje?

(AoA): Às vezes.

Note-se que gritar parece ser um recurso relacional usado na sala de aula e soa para o aluno como violência. Dos oito alunos do respectivo subgrupo sete disseram já terem testemunhado algum tipo de violência por professor contra o aluno/a. A “bagunça dos alunos” aparece como responsável pela violência do professor para dois participantes: por causa da bagunça o professor perde a paciência e age de forma violenta. Outro aluno relatou que a violência ocorre porque “os alunos não fazem nada na sala de aula (não produzem)” e devido a isso geram discussões com professores. A “falta de atenção na aula” também aparece como motivo/razão. Aclara-se que os depoentes em questão culpabilizaram os próprios estudantes pelas ocorrências. Nesse sentido, o jogo entre culpados e justificados é feito tanto por alunos como por professores, como os dados deixam entrever. O próximo relato (aluno de 14 anos) mostra o grito como recurso relacional, outra vez:

Entrevistadora: E qual o motivo dessas discussões, você se lembra?

(AoA): A professora fala pra muda de lugar e a pessoa não vai, mais por questão de comportamento mesmo. De vez em quando o professor exagera, só grita. Teve uma vez que a professora pediu para o aluno trocar de lugar, aí ele tava indo e a professora continuou gritando, sabe? Exagerou.

O xingamento é explicitado em outro relato de um estudante de 14 anos:

Entrevistadora: E você se lembra de algum fato violento que envolveu professor?

(AoA): Lembro. O professor xingou o aluno de tudo quanto é nome porque o aluno não queria fazer nada na aula dele.

Entrevistadora: e teve agressão física?

(AoA): Não, ficou só no xingamento. O aluno retrucou também. O professor dizia que ele não tava falando com a mãe dele, que se a mãe dele aceitava que ele falava assim ele não aceitava, xingou a mãe dele.

Note-se que ofensas a familiares foram dirigidas às “mães” dos alunos envolvidos nos episódios relatados. Isso, levado às últimas consequências, não deixa de ser por parte dos professores a manifestação de um preconceito de

gênero, contra a mulher, como mostra, por exemplo, Silva, S. G. (2010). Nesse sentido, o padrão da socialização na sala de aula entre professores e alunos parece estar eivado de preconceitos. Xingar em combinação com gritar é um recurso relacional que vem sendo reiterado pelos depoentes.

(AoA): A minha amiga [...] tinha faltado nas aulas de Ciência e ela foi até a professora e disse pra ela que não sabia fazer ai a professora não explicou direito, e começou a falar algumas coisas ofendendo ela verbalmente, ai que ela começou a xingar minha amiga no meio da sala, gritando. Até que no dia da reunião a mãe dessa aluna veio perguntar pra professora porque ela tinha xingado a filha dela, ai a mãe falou pra professora que não queria mais que isso acontecesse.

(AoA): E o que a professora falou?

(AoA): Ela falou pra ela educar mais a filha dela.

Entrevistadora: A menina tinha faltado com respeito com a professora?

(AoA): Ah ela e a professora. A aluna começou a gritar com ela e a professora começou a falar muitas coisas, até que a mãe dessa aluna resolveu o caso com a professora na reunião, e foi ai que acabou (Relato de um aluno de 14 anos).

O último excerto expõe o fato, já apontado aqui, de que professores e alunos usam os mesmos expedientes para se relacionarem entre si na sala de aula e na escola. Nesse sentido, a escola não está oferecendo a seus/as estudantes uma oportunidade de se relacionarem por meio de um padrão de socialização que não seja fomentador da violência em espaço escolar.

C) Alunos brancos

Nesse subgrupo, composto por 21 alunos, apenas três (12%) relataram já terem sofrido violência por professores, e todos se lembraram do motivo/razão. Um deles, aluno de 12 anos, relatou sobre um xingamento ocorrido entre ele e a professora:

(AoB)⁶: Só de xingar só. Foi o aluno que me xingou. Uma vez a professora também me xingo, ai eu xinguei ela e ela chorou.

Entrevistadora: Ela te xingou de que?

⁶ AoB = Alunos Brancos

(AoB): De idiota.

Entrevistadora: E por que ela te xingou?

(AoB): Eu já tinha acabado, aí eu tava virando pra trás, aí ela perguntou um negócio pro moleque e ele não sabia, aí eu respondi e ela falou: não to falando com você seu idiota.

Entrevistadora: E você xingou ela de quê?

(AoB): Não foi de besteira, eu falei: você se acha tão boa, que ninguém está entendendo o que você tá falando.

Entrevistadora: Ai ela chorou?

(AoB): Chorou no final da aula. Ela mandou eu calar a boca, umas par de coisa.

Observe que o grito e o xingamento são elementos reiterados na relação entre professores e estudantes. Outro aluno relatou como sendo uma violência cometida por parte da professora contra ele o fato dela ter tirado um objeto cortante de sua mão e o direcionado a diretoria. Este último relato é bastante emblemático no que diz respeito à percepção que o aluno tem do que pode e do que não pode ser feito dentro da sala de aula, tendo em vista o que é ou não violência, pois a professora estava evitando um problema maior para o próprio aluno, inclusive. Porém, nos pareceu que a professora não deixou claro ao estudante sua ação e ele a entendeu como algo contra ele. Talvez, pelo modo em que retirou o objeto da mão do aluno e porque o encaminhou diretamente para a diretoria. Acreditamos que isso se deva às características da naturalização da violência que ocorre em nosso país que estabelece relação direta com a manifestação aqui já mencionada: "os professores não tem paciência".

O último relato dos três acima anunciados é de um aluno de 15 anos:

(AoB): Com professor já teve verbal, até eu já briguei com professor verbalmente, por causa que tipo o professor começou a falar assim, eu xinguei um aluno, ele acho que eu tinha xingado ele e a gente começo a brigar na classe.

Entrevistadora: E como foi?

(AoB): ah a gente brigo verbalmente, ele me colocou pra fora, e depois da aula dele eu entrei na classe normal. Foi um mal entendido.

Observe-se que no relato acima a confusão sobre algo que está dentro de um padrão de socialização bastante questionável aparece como sendo um mal entendido. O que também vai ao encontro do processo de naturalização da violência em nosso país ao qual viemos nos remetendo. No grupo em questão, meninos brancos, 11 disseram já ter testemunhado algum tipo de violência de professor contra aluno/a. Iniciaremos por relatos feitos por dois alunos de 12 anos de uma mesma turma:

1. (AoB): *Tem muito assim, muitos alunos xingam, e a professora retruca a C*, é professora de Português. Ontem mesmo teve, o I*, se você erra uma letrinha, ela já fala que não tá certo, aí o Igor falou: tudo tá errado pra você sua “véia”, falo baixo mas ela ouviu. Aí ela falou: velha é sua mãe que não te deu educação, aí ele falou: sua mãe que vende paçoca.*

Entrevistadora: *e você acha que isso é uma forma de violência?*

Aluno: *Os dois né, bullying.*

2. (AoB): *também, é que nem ontem, o moleque falo que a mãe dela vendia paçoca, por que a professora xingou a mãe dele.*

Entrevistadora: *Por que a professora xingou a mãe dele? Xingou de quê?*

(AoB): *O aluno chamou a professora de velha, aí a professora falou que velha era a mãe dele. Aí ele falo que a mãe dela vendia paçoca.*

Os dois últimos relatos estão eivados de preconceitos: de classe e de idade, cujo instrumento de materialização é transformá-los em xingamentos. E tal uso é feito igualmente pelos dois agentes, professores e alunos. Outro aluno afirma que a professora ofendeu seu colega por meio de ofensas sobre seu físico. Observe que a testemunha de uma violência não esquece o que aconteceu com o “outro”, pois se coloca em perspectiva como futura vítima. Nesse sentido, a violência em sala de aula atinge de forma semelhante quem foi vítima e quem testemunhou (SILVA, 2013). O aluno seguinte conta que quando ele e os colegas da sala começaram a pedir muito para ir ao banheiro a professora se irritou e trancou todos na sala de aula, parecendo-nos que o aluno achou que a professora não precisava ter dado a referida resposta aos pedidos para ir ao banheiro. Nossa percepção sobre a interpretação por parte do aluno acerca da ação da professora

é que não havia motivos suficientes para tanto. Talvez, para ele fosse uma “besteira” o que havia acontecido. O que também aparece no próximo relato.

Outro aluno, de 14 anos, relata:

(AoB): Os alunos. Ah o motivo é tudo por besteira. Com professor só discussão, eu acho que é um tipo de violência, eu vi umas discussões que foram feias.

Entrevistadora: O professor usou palavrões?

(AoB): Palavrões tinha também.

Entrevistadora: E por que aconteceu essa discussão?

(AoB): Porque o professor chamou a atenção do aluno, eu penso que os dois estão errados, tanto professor quanto aluno.

Entrevistadora: Você já sofreu algum tipo de violência na escola?

(AoB): Não. Nem de professor nem de aluno.

Entrevistadora: Nem verbal?

(AoB): Não levo assim como violência. Porque nenhum professor me xingou, mas se xinga eu não acho que é violência não. Porque o professor num vai fala do nada, você tem que fazer alguma coisa.

Entrevistadora: Se tem motivo, não é violência?

(AoB): Isso, ninguém vai te bater a toa. Tem que ter um motivo.

Note-se que o aluno considera “natural” o professor dirigir algum tipo de agressão ao aluno quando foi o aluno quem iniciou a violência. O que está em jogo é a ideia de que a agressão/violência não é violência quando se fez alguma coisa para merecê-la, como se a violência ganhasse salvo conduto quando está figurando como resposta a outra violência. Trata-se do ciclo da produção/reprodução de tal fenômeno como explica, dentre outros, Cardia (2012). O processo de naturalização da violência é o cerne da questão, indo também nesse caminho o relato abaixo de outro aluno de 15 anos:

Entrevistadora: Se você pensar em toda sua escolarização, se lembra de algum fato de violência que envolvesse professor?

(AoB): Teve um professor que veio de outra escola que disse que levou cadeirada. Aquele que falou que a risada do Pedro era risada de macaco.

Entrevistadora: Ele falou isso?

(AoB): *Falou.*

Entrevistadora: E você considera isso um tipo de violência?

(AoB): *A cadeirada sim, a risada do Pedro é anomalia.*

Entrevistadora: Mas ele dizer isso sobre o aluno, tipo, não magoou o Pedro?

(AoB): *Não, ele achou graça*

Novamente, o preconceito se mostra verbalmente e há naturalização da violência cometida. Inclusive, houve da parte do aluno que foi a vítima direta no fato ocorrido, pois ele legitima o que a professora fala sobre a risada de Pedro. E por último, para encerrar os relatos do subgrupo Alunos Brancos, um relato que mostra que o aluno inicia a ação violenta e o professor dá continuidade.

(AoB): *ah meu colega lá ameaçou o professor pela nota dele, disse que ia pega ele e o professor ameaçou ele também, ai o caso foi para na diretoria, mas não sei o que deu. Não partiram pra violência física.*

3 CONSIDERAÇÕES

Como vimos investindo na compreensão da constituição da violência em espaço escolar, especialmente, a partir da categoria violência da escola quando cometida por professores contra alunos, trabalhamos somente com os dados que atendem nosso interesse. Como se pode observar, nosso foco voltou-se para os tipos de violência cometida contra alunos e para as justificações/motivos que eles apresentam para tais fatos terem ocorrido. Dos 70 alunos entrevistados 50% afirmaram ter sofrido algum tipo de violência no espaço escolar e 22,8% do grupo de 70 afirmaram ter sofrido violência por professores na sala de aula, portanto, circunscrita na categoria violência da escola. Os alunos brancos, meninas e meninos, sofreram menos violência do que os alunos negros, meninas e meninos. Mas, as meninas brancas sofreram mais violência do que os meninos brancos. As meninas negras sofreram mais violência do que os meninos negros em seu subgrupo. E tais meninos sofreram mais violência do que os meninos e meninas brancas. No entanto, as meninas negras foram as que mais sofreram violência dentre todos os sujeitos entrevistados e as meninas brancas as que sofreram mais violência no seu respectivo subgrupo. Nesse sentido, as mulheres sempre sofrem

mais violência em espaço escolar do que os homens. Outrossim, como aponta o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (2017), para se compreender a produção da violência em espaço escolar e, em qualquer outro, é imprescindível o recorte raça/gênero.

Especificamente no que se refere às razões/motivos de professores cometerem violências contra seus alunos, elas se concentram, sobretudo, no âmbito do processo ensino-aprendizagem, sendo elas: o aluno não entendeu a matéria/conteúdo, não realizou atividades propostas pelo professor em sala de aula, apresentou erros técnicos de aprendizagem de algum conteúdo, o aluno ensinou um colega que não sabia fazer a atividade proposta pelo professor, o aluno percebeu a dificuldade do professor em ensinar um conteúdo, o aluno fez perguntas sobre um conteúdo. Tais motivos engendram as violências física, verbal, verbal/física e simbólica que os professores cometem contra seus alunos. Os entrevistados acreditam que o pano de fundo das violências perpetradas contra eles são porque falta paciência ao professor e que nem sempre há motivos para a produção/reprodução do fenômeno. Para eles: o professor grita por qualquer coisa. E o grito aliado a xingamentos, inclusive a seus familiares, gera muito desrespeito, segundo tais sujeitos. Nesse sentido, a violência verbal é a mais recorrente e é estruturada pela violência simbólica. A violência física ocorre em menor frequência e igualmente a verbal/física. Neste caso, esta última se deu por meio de tapas e também foi acompanhada de xingamentos.

Mas, a violência hegemônica é a simbólica. Que aparece em quase todas ocorrências, ora percebida pelo aluno, ora não. Evidenciando claramente a natureza desse tipo de violência que favorece, como já mencionamos, a naturalização da mesma. Na violência simbólica, questões de classes sociais, de raça, de gênero, de idade, características físicas e nível de aquisição cognitiva aparecem imiscuídas e são manifestadas verbalmente por professores na sala de aula, revelando a prática de diversos preconceitos. Nesse sentido, por exemplo, quando o professor inclui a família do aluno em discussões ocorridas na sala de aula ele se refere exclusivamente à mãe do aluno. Nunca menciona o pai. Isso, salvo engano, não parece ser pelo conhecimento que o professor tem da

organização familiar do aluno, parecendo que é um modo do professor ser e estar no mundo. Aponta-se, ainda, que o sentimento dos sujeitos - gerado pelas violências a eles destinadas é um emaranhado de constrangimentos, medo, mágoa, humilhação.

Esta pesquisa aponta ainda que o fato de uma instituição escolar não ter o rótulo de escola de risco não significa que nela não ocorram violências. Em consequência disso, a nossa decisão metodológica que visava encontrar informações novas derivadas do fato de na escola campo não ocorrer violências não vingou, pois nossos sujeitos fizeram suas justificações, sobretudo, a partir de violências nela ocorridas.

Desde sempre, nossos estudos não tem o objetivo de procurar vítimas e algozes, o que viemos buscando é mostrar que a violência em espaço escolar tem também a participação de professores, com vistas a compreender todas as faces da violência em espaço escolar, tendo em vista o aprimoramento da formação inicial e continuada de professores.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. (Org.). *Escola e violência*. Brasília: UNESCO, UCB, Observatório de Violências nas Escolas, 2002.
- ABRAMOVAY, Miriam. *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO no Brasil. 2005. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265_POR.pdf> Acesso em: 10 de jun. 2018.
- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. *Violência nas escolas: versão resumida*. Brasília : UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002, 88 p. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2018.
- BARDIN, Laurence. *Análise do Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Tradução: Fernando Thomaz. 2.ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, P.; EAGLETON, T. *A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista*. In: ŽIŽEK, S. (Org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- BRASIL. *Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos / Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990*. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.
- Brasil. Presidência da República. Secretaria de Governo. *Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes*. Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. *Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos*. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, Set. 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302012000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 de jun. 2018.

CARDIA, Nancy (Coord.). *Pesquisa nacional, por amostragem domiciliar, sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violação de direitos humanos e violência: um estudo em 11 capitais de estado*. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down264.pdf>>. Acesso em: 29 de maio 2019.

CARINHANHA, Joana labrudi; PENNA, Lucia Helena Garcia. *Violência vivenciada pelas adolescentes acolhidas em instituição de abrigo*. Texto contexto - Enfermagem., Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 68-76, Mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072012000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de maio 2019.

CARVALHO, D. N. S. *A percepção de gestores sobre a violência em espaço escolar: diálogo humanizado?*. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, São Paulo, 2019.

CARVALHO, G. A. *Conflito, violência e tragédia da cultura moderna: reflexões à luz de Georg Simmel*. Revista Brasileira de Segurança Pública. v. 1 n. 2 (2007). Disponível em: <<http://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/22>>. Acesso em: 22 de jun. de 2019.

CHARLOT, B. *Violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Sociologias, Porto Alegre, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.sci-elo.br/pdf/soc/n8/n8a16>>. Acesso em: 02 de jan. 2019.

CHARLOT, B.; ÉMIN, J-C (coord.). *Violences à l'école - état des savoirs*. Paris: Masson & Armand Colin Éditeurs, 1997.

CHAUÍ, Marilena, 2000. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo.

CHAUÍ, Marilena. *Ética, Política e Violência*. In: CAMACHO, Thimoteo (Org.). *Ensaio Sobre Violência*. Vitória: EDUFES, 2003.

CHAUÍ, Marilena. *Sociologia: estudios sobre las formas de socialización*. Madrid: Alianza, 1986.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; COELHO, Mauro Cezar. *Preconceito e discriminação para além das salas de aula: sociabilidades e cultura juvenil no ambiente escolar*. Rev. Inst. Estud. Bras., São Paulo, n. 62, p. 32-53, Dec. 2015.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742015000300032&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de maio 2019.

FREIRE, Sandra Ferraz de Castillo Dourado.; SABARENSE, Stéphanie; & BRANCO, Angela Uchoa, 2009. *A perspectiva das crianças sobre questões de gênero na escola*. PsiCo, Porto Alegre, PUCRS, 40, 2, 184-193. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4062>>. Acesso em: 07 de jun. 2019.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. *Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra*. Educ. rev., Belo Horizonte , v. 34, e197406, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01024698201-8000100657&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 jan. 2020. Epub 23-Nov-2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698197406>.

ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista*. 2. ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MENEZES, Waléria. *O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola*. In: *Trabalhos para Discussão*. n. 147. Agosto de 2002. Disponível em: <<https://periodicos.fun-daj.gov.br/TPD/article/view/943/664>>. Acesso em: 29 de maio 2019.

SANTOS, D. B. C. dos ; BOEING, S. M. F. *Relações entre os gêneros e poder: formação de professoras e professores*. In: VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPR - EDUCERE e III Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas, 2008, Curitiba. VIII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE III Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas - CIAVE. Curitiba: Editora Champagnat, 2008. v. 8. p. 1-15.

SILVA, Adrielle Gonçalves da. *Percepções de Professoras e Professores Sobre a Violência que Viveram na Família e na Escola: analisando a violência da escola*. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, São Paulo, 2015.

SILVA, Marilda da. *A Violência da Escola na Voz de Futuros Professores: uma probabilidade da produção da cultura da violência em ambientes escolares?*.

Educar em Revista, Curitiba, n. 49, p. 339-353, jul. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n49/a19n49.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2014.

SILVA, Marilda da. *Explicação do Conteúdo: elemento estruturante da aprendizagem eficaz*. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas. Impresso), Fundação Carlos Chagas, v. N.115, p. 195-205, 2002.

SILVA, Marilda da; CARLINDO, Eva Poliana. *A História de Escolarização como Fonte de Conteúdos para Formação Docente: a evidência de violência em meio escolar por professores brasileiros*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN SUPERIOR: LA UNIVERSIDAD POR EL DESAROLLO SOSTENIBLE, 8., 2012, Havana. Anais... Havana: Distribuidora Nacional Icaic, 2012. P. 2340-2348.

SILVA, Marilda da; SCARLATTO, Elaine Cristina. *Violência em Meio Escolar no Brasil: uma alternativa formativa para professores e futuros professores*. Revista Ibero -americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 4, n. 3, p. 1-17, jan. 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/2764>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

SILVA, Marilda da; SILVA, Adrielle Gonçalves da. *Professores e Alunos: o engendramento da violência da escola*. Educ. Real. Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 471-494, junho de 2018a. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217562362018000200471&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 de junho de 2018.

SILVA, Marilda da; SILVA, Adrielle Gonçalves da; DINIZ, Julia Elaine. *O ECA e a violência na sala de aula: vulnerabilidade da escola brasileira*. Perspectiva, Florianópolis, v. 33, p. 789-803, 2015.

SILVA, Marilda; SILVA, Adrielle Gonçalves da. *Sutilezas da naturalização/reconhecimento da violência: Violências na família, violências em espaço escolar*. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2018b.

SILVA, Sergio Gomes da. *Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher*. Psicol. cienc. prof. Brasília, v. 30, n. 3, p. 556-571, set. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932010000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de maio 2019.

SIMMEL, Georg. *O conflito como socição*. (Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury). RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 10, n. 30, pp. 568-573. 2011. ISSN 1676- 8965. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/SimmelTrad.pdf>>. Acesso em: 11 de fev. de 2020.

SIMMEL, Georg. *O conflito da cultura moderna e outros escritos*. São Paulo: Senac, 2013.

SIMMEL, Georg. *O conflito da cultura moderna e outros escritos*. São Paulo: Senac, 2013.

TANNURI, J. G. C. G. *O que dizem famílias homoparentais sobre as relações estabelecidas com a escola de seus filhos: tensões entre aceitação e discriminação*. f.196. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação) – Instituto de Biociências de Rio Claro – UNESP. 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/152150>>. Acesso em: 09 de jun. de 2018.

TORO, Giovana Vidotto Roman; NEVES, Ana Maria; REZENDE, Paula Cristina Medeiros. *Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social*. Psicol. teor. prat., São Paulo, v. 12, n. 1, p. 123-137, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872010000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 de maio 2019.